



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A CRIAÇÃO DE GALINHAS CAPIRAS PELAS MULHERES DO TABULEIRO DE
MUQUEIM – AREIA - PB**

JHONATAN FEITOSA DO NASCIMENTO

**AREIA-PB
JULHO-2017**

**A CRIAÇÃO DE GALINHAS CAIPIRAS PELAS MULHERES DO TABULEIRO DE
MUQUEIM – AREIA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Zootecnia no Centro de Ciências Agrárias
da Universidade Federal da Paraíba, como parte
dos requisitos para obtenção do título de graduado
em Zootecnia

Orientadora: Dra. ANITA LEOCADIA PEREIRA DOS SANTOS

AREIA - PB
Julho de 2017

*Ficha Catalográfica Elaborada na Seção de Processos Técnicos da
Biblioteca Setorial do CCA, UFPB, Campus II, Areia – PB.*

N244c Nascimento, Jhonatan Feitosa do.

A criação de galinhas caipiras pelas mulheres do tabuleiro de Muqueim – Areia-PB /
Jhonatan Feitosa do Nascimento. - Areia: UFPB/CCA, 2017.
vii, 32 f. ; il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Zootecnia) - Centro de Ciências
Agrárias. Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2017.

Bibliografia.

Orientadora: Anita Leocádia Pereira dos Santos.

1. Agricultura familiar – Criação de galinhas 2. Galinhas caipiras – Manejo
3. Empoderamento feminino – Comunidade rural I. Santos, Anita Leocádia
Pereira (Orientadora) II. Título.

UFPB/CCA

CDU:

338.43:636.5

JHONATAN FEITOSA DO NASCIMENTO

**A CRIAÇÃO DE GALINHAS CAIPIRAS PELAS MULHERES DO TABULEIRO DE
MUQUEIM – AREIA - PB**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Dr^a. Anita Leocádia Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba /CCA/DCFS

Examinador (a): _____

Dr. Wilson José Félix Xavier
Instituição de origem /CCA/DCFS

Examinador (a) _____

Dr. Danilo Teixeira Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba/CCA/PPGZ

AREIA, ____/____/____

Dedico

*A minha mãe Margarida (In Memoriam), que mesmo distante, tenho plena
certeza de que esteve me apoiando de forma espiritual para que eu chegasse
nesta etapa da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Quero aqui deixar meus agradecimentos a algumas pessoas que marcaram esse ciclo universitário, pessoas essas que tenho o enorme prazer em deixar imortalizadas nessa obra que me propus a fazer com todo empenho e respeito. Começo as minhas congratulações me referindo aos meus amigos de turma que juntos ingressamos nessa jornada da graduação, saímos de nossas casas com desejos ambiciosos em relação a nossa formação profissional, desses amigos ressalto aos que chegaram ao fim junto comigo, Raniere um garoto amigo vindo diretamente de Floresta –PE, Ricardo, amigo da cidade de Conde – PB, Robério e Marcos, ambos residentes em Pirpirituba-PB, gostaria também de parabenizar os colegas que tiveram a coragem de correr atrás de seus sonhos e migraram para outro curso como a Cybelle, Rodrigo (Best Friend), Hemmelly, Lucas, Fernando, Iago. Aos que por um motivo ou outro ficaram para trás como minha amiga Tamires, Lucas Aurélio, Ellen, Thamara, e não podia deixar de citar os amigos que desistiram no meio do caminho por diversos fatores e que jamais poderia julgá-los por que só eles sabem pelo o que passam, adorei conhecer vocês, Rodolfo, Layne, Layse, Fernanda Mayara, Adverton, e Elismone.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram: Izabel (Irmã) Sou muito grato pelos conselhos, e também pelas broncas, sem elas certamente não teria tido o foco que tive, quero agradecer também a Marizangela minha madrinha, prima, irmão, amiga, por ser uma pessoa tão especial e sempre me apoiou nas minhas escolhas, ao José Antônio (Zé irmão) que não deixou de me ajudar quando eu precisei, principalmente nos momentos em que eu estava liso, quero agradecer ao Kilmer Oliveira (a Prima mais linda), por todos os momentos que passamos morando juntos, desde a recepção aqui em Areia, até os desentendimentos que tivemos, tudo isso serviu para mostrar como somos diferentes e como podemos conviver juntos, você sabe que eu te amo muito né.

Aos amigos de minha cidade, a Érica uma das poucas amizades verdadeiras que conquistei ao longo desses anos até chegar a universidade, obrigado Edna, Elenilsa, Geysa, pelos momentos maravilhosos que passamos juntos e pela força, ao Magnum (meu amigo do exterior risos), pelas palavras de apoio, ao Arteg e o Edgar, obrigado por vocês passem horas conversando comigo, pelo telefone, pelo Skype, vocês me fizeram muito bem em muitas madrugadas que me sentia sozinho.

Aos amigos que conheci em Areia, principalmente a Fernando Mendonça (Fernandaxa), um amigo que encontrei em meio a esse mundo tão caótico, Messias (Mixaxa), Ricardo (Rylary Suênya), Tarcio (Tatynha), Raul (Rauânia Kéller) Alisson Cesar (Samuray,

Rayka Handelly) uma pessoa com várias qualidades, e também muitas facetas risos que só nós entendemos risos, obrigado também ao Emanuel Marcos a nossa querida (Madona, Maydan, Marry Madelayne), Rodrigo Cirino, (Rubia Locanda) Mario Veras (Mary Kay), Gilmar, Sandra (Barraco). Aos amigos que fiz no bloco B como Givanildo (Giva) Josenildo (Nil), Railson, amigos de CAZ, Pávlos, Rafaela, Ryan, Ana Cecília, Gabriel, Daiana, Geni, Mateus (Ceará), e falando em Ceará não podia deixar de agradecer aos meninos Cearenses nas pessoas de Douglas Marques, João Ítalo, Expedido e Chico (o Saudável o homem fitness risos), aos ferinhas 1016.2, (Fabinho, Gabriela, Karol, Malu, Alex, Valkléber, Artur, Adailma, Gleidson e Ernesto).

Aos meus amigos servidores dessa casa chamada UFPB, nas pessoas de Assis responsável pelo nosso Restaurante Universitário (RU), ao Amauri, Edilson Diniz, Ivandro, Dona Vanda nossa secretária mãe, Denise, (Dêh), os guerreiros da limpeza, e do nosso setor de transportes.

Aos professores nas pessoas da professora Safira Bisbo, (mãe de universidade) que me deu as primeiras oportunidades com a iniciação científica, quero agradecer aos professores em especial ao professor Ariosvaldo Medeiros, Severino Gonzaga, e Edilson Saraiva, que são professores maravilhosos que tive o enorme prazer de ser aluno, companheiros de atividades acadêmicas, praticamente uns amigos, ao Saulo, Ludmila, Carla, Aline, quero deixar aqui expresso meu grande carinho pelo o professor Paulo, e Paulo Sérgio, (Paulo Tim, Paulão) meu orientador de ultimo PIBIC, muito obrigado pela o poio, sem você certamente eu teria tido muitas dificuldades.

E para encerrar não poderia deixar de agradecer a essa professora que me dá até arrepios em falar sobre ela, acho que foi o contato mais humano que tive durante minha graduação, é uma pessoa que me proporcionou muitos momentos agradáveis, trabalhos belíssimos, fiz com você que passei a descobrir melhor como as pessoas agem com relação as diferenças e o porquê elas agem dessa forma, estou falando sobre a professora Anita Leocádia Pereira dos Santos, uma professora diferente das outras, tem ideias que refletem populações inteiras, seus trabalhos com gênero são muito bem embasados e faz um diferença imediata na vida de muitas pessoas, entre estas estão muitas mulheres envolvidas em projetos e programas relacionados, obrigado por fazer parte desse momento importante da minha vida, que certamente está sendo muito valioso para minha formação.

Aos componentes da Banca Examinadora, por suas disponibilidades em colaborar com este momento no enriquecimento

SUMÁRIO

-	LISTA DE GRÁFICOS.....	08
-	RESUMO	09
-	ABSTRACT.....	10
1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	14
3.	MATERIAL E MÉTODOS.....	19
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
	4.1- Caracterização da criação e das criadoras.....	21
	4.2- Problemas na criação e as orientações técnicas.....	25
	4.2.1 - Manejo sanitário adequado/ água e bebedouros das galinhas.....	27
	4.2.2 - Técnica de apartação de filhotes/galinhas.....	29
	4.2.3 – Efetivo uso do galinho/aviário doméstico/ instalações.....	30
	4.2.4 – Manejo alimentar.....	31
	4.2.5 – Avaliando os resultados.....	29
5.	CONCLUSÃO.....	32
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Dedicação das mulheres a atividade de criação de galinhas caipiras...	24
Gráfico 2.	Produtividade e lucro mensal estimado da criação de galinhas caipiras.....	25
Gráfico 3.	Ação que a atividade de avicultura promove para as famílias.....	27

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir aspectos da criação de galinhas caipiras na Comunidade Tabuleiro de Muqueim – Areia – PB, caracterizado como atividade feminina produtiva, no contexto familiar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada no âmbito da execução do Programa de Extensão “Quem disse que as mulheres não podem? Educação em direitos, esportes e saúde” (PROEXT/MEC/2016), realizada com dez mulheres agricultoras e residentes no meio rural, na Comunidade supracitada, com idades entre 31 e 64 anos. A coleta de dados foi realizada de outubro de 2016 a junho de 2017, por meio de observações *in loco*, entrevistas individuais, entrevistas de grupo e fotografias. A partir de um diagnóstico acerca das atividades agropecuárias junto ao grupo de mulheres envolvidas nas atividades do Programa, foi identificada a criação de galinhas caipiras como espécie animal predominante, sendo a maioria como atividade produtiva para o consumo e como acréscimo na renda familiar. Foram investigados os principais problemas enfrentados por essas mulheres no âmbito desta criação e no sentido de contribuir para a melhoria destas condições realizaram-se intervenções técnicas educativas com orientações ao grupo de criadoras, sobre o manejo adequado e condições sanitárias. Verificou-se, nesse contexto social, que as mulheres são protagonistas, mas não contam com assistência para desenvolver uma atividade criadora de qualidade e que, a partir das orientações técnicas disponibilizadas houve mudanças nos hábitos de criação, minimizando-se prejuízos. Portanto, é possível destacar que se torna necessária assistência técnica regular às mulheres criadoras, para possibilitar o êxito na criação de galinhas caipiras e favorecer o empoderamento feminino no contexto rural, uma vez que a intervenção técnica educativa efetivamente contribuiu para sanar de forma satisfatória os problemas apontados.

Palavras - chave: Mulher rural; Agricultura Familiar; Manejo; Intervenção Educativa; Empoderamento.

ABSTRACT

The present study aimed to present and discuss aspects of the production of free-range broiler in the community Muqueim-Areia-PB, characterized as a productive feminine activity in the family context. This is a qualitative survey conducted under the implementation of the extension program “Quem disse que as mulheres não podem? Educação em direitos, esportes e saúde” [who said women can't? Education in rights, Sports and Health] (PROEXT/MEC/2016), held with ten women farmers and residents in the rural area, in the above-mentioned community, aged between 31 and 64 years. Data collection from June 2016 to September 2017, was conducted through questionnaires, *in loco* observations, individual interviews, group interview and photographs. From a diagnosis on farming activities alongside the group of women involved in the activities of the program, the creation of free-range broiler has been identified as a predominant animal species, being the majority as productive activity for consumption and as an increase in household income. The main problems faced by these women were investigated and in order to contribute to improving these conditions, educational technical interventions were conducted with guidance to the farmer group, on proper management and sanitary conditions. It was found, in this social context, that women are protagonists, but they do not rely on assistance to develop a quality grower activity and that, from the technical guidelines available there were changes in the growing habits, minimizing losses. Therefore, it is possible to highlight that a regular technical assistance is needed to grower women, to permit the success in the creation of free-range chicken and to encourage women's empowerment in the rural context, since the educational technical intervention effectively contributed to the satisfactory to resolve the problems pointed out.

Keywords: Educational intervention, empowerment, family farming, management, rural woman.

1. INTRODUÇÃO

As galinhas foram introduzidas no Brasil pelos primeiros navegadores europeus que aqui desembarcaram, por volta de 1500. De acordo com a carta histórica escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal Dom Manuel, de 22 de abril de 1500, foi de espanto e admiração à reação dos índios ao terem contato com os primeiros exemplares de galinhas trazidas ao Brasil (PICOLI, 2004).

Como as aves eram criadas soltas denominou-se o nome de galinhas caipiras que tem origem no tupi guarani que significa “habitante do campo”. Pelo fato de essas aves viverem soltas, e se alimentarem de vários tipos de vegetais, pequenos insetos, minhocas, dentre outras fontes, tornaram-se mais rústicas e as qualidades tanto dos ovos quanto da carne foram aprimorados.

A criação de galinha caipira, atividade encontrada em 99,9 % dos núcleos agrícolas familiares (RAMOS *et al.*, 2001), recebe vários elogios dos mercados consumidores, pois pode ser criada de forma racional, e com o uso de alimentos naturais, ou seja, para uma sociedade que não para de crescer e fica cada vez mais informada, este alimento é ótima oportunidade para que seja fornecido alimento de qualidade, sem alterações químicas que possam interferir na saúde dos consumidores.

As atividades agrícolas sempre estiveram atreladas a forma de vida das pessoas. Desde os primórdios que se tem necessidade de cultivar o nosso próprio alimento e a atividade com galinhas caipiras há muito tempo vem sendo praticada. Dentre as características que envolvem essa prática estão a qualidade e palatabilidade dos seus produtos que estão entre os pratos mais apreciados no Brasil.

Uma observação importante nesse sistema de criação é que as aves caipiras não são submetidas a níveis de estresse quando comparadas as aves de criação industriais, já que vivem praticamente em formas completamente naturais, podendo inclusive expressar seus comportamentos naturais como ciscar, colocar ovos e até chocá-los quando necessário. Sua carne é considerada de melhor sabor e menor teor de colesterol, isso se deve justamente às fontes de alimentos, como também à maneira como são criadas livres de estresse.

Um ponto que não podia deixar de se ressaltar é a incrível capacidade que têm as galinhas caipiras de se adaptarem as mais variadas atividades como agrícolas, agroindustriais, extrativistas, pecuárias, costumeiramente desenvolvidas pelo agricultor familiar, o que resulta na agregação de valor e maior remuneração por produto acabado (SAGRILO, 2002).

Embora seja reconhecida como uma fonte de alimentos de alta qualidade proteica, carne e ovos, e tenha se transformado ao longo desse período em um dos pratos típicos conhecidos em todo o território brasileiro, a criação de galinhas caipiras é precária em termos zootécnicos com prejuízos para a sua produtividade.

O Sistema de Criação de Galinhas Caipiras é uma tradição nas famílias de agricultores, tem como objetivo o aumento do padrão econômico da agricultura familiar, melhorando a qualidade e aumentando a quantidade da produção. O sistema minimiza os danos ao meio ambiente, adotando adequações necessárias a cada ecossistema onde é implantado, seja com relação às suas instalações e equipamentos, seja na forma de alimentar ou de medicar alternativamente as aves (BARBOSA et al., 2004).

Assim, as galinhas caipiras são criadas predominantemente nos núcleos agrícolas familiares, alimentando famílias e gerando renda. Por serem aves rústicas e capazes de suportar adversidades climáticas, resistir a algumas doenças, se tornam uma alternativa principalmente para locais com menor infraestrutura produtiva.

Dentre as atividades da agricultura familiar, a criação de galinhas caipiras pelas mulheres é muito antiga. A participação da mulher na vida social e a sua participação nas tarefas existentes, são divididas entre os indivíduos tomando como referência, entre outros aspectos, a diferença sexual.

Nesta perspectiva, homens e mulheres assumem diferentes atividades sob a justificativa de serem biologicamente mais adequados para determinadas tarefas e não outras. Esta divisão baseia-se na concepção de que a diferença biológica dos sexos masculino e feminino representaria também uma diferença de qualidades, habilidades e características que homens e mulheres carregariam naturalmente em seus corpos.

Portanto, a natureza dos corpos justificaria os ‘trabalhos femininos’ e ‘trabalhos masculinos’, respaldados na crença de que, assim como existem o sexo masculino e o

feminino, também existiriam habilidades masculinas e femininas que tornam homens aptos para o ‘trabalho masculino’ e mulheres aptas para o ‘trabalho feminino’.

Este trabalho apresenta um diagnóstico e uma discussão acerca da criação de galinhas caipiras na Comunidade Tabuleiro de Muqueim – Areia – PB, caracterizada como atividade feminina produtiva. Por meio de intervenções técnicas educativas junto às criadoras mulheres, objetivou-se contribuir para melhorar a criação das galinhas, quanto ao manejo adequado e condições sanitárias, mudanças nos hábitos de criação, no sentido de garantir êxito, para que essas mulheres não tenham prejuízos em suas criações, com o intuito de potencializar a produtividade de galinhas caipiras em um sistema semi-intensivo, com vistas a obtenção de resultados satisfatórios na produtividade de ovos e carne.

O primeiro capítulo apresenta os conceitos fundamentais ao trabalho e respectivos referenciais teóricos, articulando-se o trabalho das mulheres com a agricultura familiar e as orientações técnicas necessárias para uma melhor produtividade.

No segundo capítulo, são evidenciados os procedimentos e as metodologias da pesquisa realizada, caracterizada como pesquisa qualitativa com aspectos de pesquisa de campo e pesquisa ação.

O terceiro capítulo exhibe e discute os resultados obtidos no processo de investigação e de intervenção, de modo a compartilhar a experiência realizada com os leitores e leitoras.

As conclusões trazem as análises finais do trabalho em relação à população pesquisada e respectivos resultados bem como apontam novas questões ao contexto universitário.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Segundo Cunha (2004), a divisão de tarefas desde muito tempo é realizada de formas diferentes para homens e mulheres: eles eram responsáveis pela caça e a pesca, enquanto elas pela coleta de frutos e a cultura da terra. No entanto, segundo Ficher e Marques (2001) as diferenças do gênero entre homens e mulheres, supostamente baseadas em diferenças biológicas, foram transformadas em desigualdades, deixando as mulheres vulneráveis à exclusão social.

Conforme Azevedo *et al* (2014), historicamente as mulheres são orientadas que são inferiores aos maridos, sendo submissas a sua vontade e limitadas ao ambiente doméstico; caso essas mulheres fugissem dos padrões impostos como serem mães, esposas e donas de casa, poderiam sofrer diversas consequências, tais como abandono, exclusão, segregação dentro outros vários tipos de violências.

Para Guerra, (2014) o processo de produção passa a ser sexuado geralmente a favor do homem, enquanto que reprodução se se torna incumbência da mulher. De acordo com Nakano, (2000) o corpo da mulher apresenta peculiaridades cuja as funções reprodutivas passam a construir socialmente a mulher para a maternidade, ela é tida como a garantia de sobrevivência da espécie, assim como também de manter a prole.

De acordo com Bourdieu (2014), ao observar as mulheres cujo modo de vida está sujeito ao modelo “tradicional”, nota-se que em alguns aspectos que essas mulheres se encontram entre as artesãs, as comerciantes, as camponesas, as operárias, sendo que essas categorias inserem o casamento como uma forma dessas mulheres terem o privilégio de se sentirem inseridas em uma posição social.

Do ponto de vista de Medeiros (2016), a combinação da mulher e do trabalho doméstico é visto de forma natural sendo o espaço competente a mulher e as atribuições de suas funções obrigatórias algo praticamente imutáveis para uma era capitalista em que vivemos.

Conforme observado por Scoott, (2010) ainda é pouco reconhecida a participação das mulheres nas unidades familiares de produção, mesmo que sejam recorrentes os dados de que a agricultura familiar brasileira responde por cerca de 38% do valor bruto da produção de alimentos do Brasil, chegando a representar em torno de 10% do PIB

agrícola, sendo que estão inseridos nesse contexto 85% dos estabelecimentos agropecuários, que são responsáveis por 77% dos postos de trabalho na agricultura.

De acordo com BRASIL (2011) a agricultura familiar é definida como aquela praticada em estabelecimento dirigido pela família, que tenha renda predominantemente oriunda deste, cuja área não exceda quatro módulos fiscais, utilizando mão de obra predominantemente familiar.

Um fator comumente observado quando se trata de diferença de gênero no trabalho conforme Farias (2009), é a atuação no trabalho rural desenvolvido pelas mulheres, onde essas atividades exercidas na maioria das vezes não são aceitas ou reconhecidas pela sociedade quanto ao conceito de trabalho. Sabe-se que por motivos assim essas mulheres não são retribuídas como deveriam, dados do IBGE (2014), apontam que nas regiões onde a atividade rural tem grande significância, a porcentagem é alta de mulheres que não são remuneradas, como é o caso das Regiões Norte e Centro-Oeste Rural com 45,1% e 45,5%, respectivamente.

De acordo com Narciso e Henríquez (2008), as mulheres tem grande importância para a economia. Porém, toda essa fortaleza em forma de trabalho não é contabilizada nas estatísticas e nos estudos utilizados, e o não reconhecimento se perpetua deixando as mesmas de forma marginalizadas, e com inúmeros obstáculos, quando se trata do desenvolvimento do seu potencial e da contribuição para a sociedade como um todo.

Diante desse contexto surge a necessidade das mulheres procurarem reconhecimento, autoafirmação e se empoderarem. Para Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), a consistência para o empoderamento se dá através de um processo de conscientização, esclarecimento, mobilização, e organização em conjunto para que possa ser mudada a posição de subordinação em que se encontra o indivíduo ou o grupo, neste caso a subordinação de gênero sofrido pelas mulheres.

De acordo com Sardenberg (2009), o processo de empoderamento não ocorre de forma linear e sim em espiral, pois não existe um estágio absoluto de empoderamento, ele é algo alterável, pois as pessoas podem ser empoderadas ou simplesmente desempoderadas, isso em relação a si própria ou a outros. Enquanto categoria analítica o empoderamento não é simplesmente um produto.

De modo geral, o trabalho das mulheres nas atividades produtivas acaba envolvendo algumas atividades mais selecionadas, tais como as que requerem execução manual como limpeza e colheita dos produtos, processamento, trato e cuidado diário de animais como efetuar a ordenha, alimentar as aves e trabalhar na horta. No âmbito doméstico, estão os cuidados com os filhos, casa, roupas, preparo de alimentos, entre outros (BRUMER, 2004).

Do ponto de vista de Scoott, (2010) a mudança no papel feminino na sociedade está relacionada às mudanças que estão ligadas as formas de como as mulheres estão inseridas no mercado, e a valorização das atividades domésticas enquanto trabalho. Conforme Freitas (2016, p.2),

“Empoderamento” é um desses casos. Em 1977, o psicólogo norte-americano Julian Rappaport cunhou o termo “empowerment” a partir da palavra “power” (“poder”) para defender que era preciso dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que eles tivessem condições e autonomia de se desenvolver. O educador brasileiro Paulo Freire criou sua versão do termo para debater a proposta de Rappaport: para ele, eram os próprios grupos desfavorecidos que deveriam empoderar-se a si próprios, uma noção que se tornou popular entre educadores e sociólogos.

É comum que as mulheres da zona rural assumam as tarefas domésticas e outras ligadas ao mundo produtivo do campo, sem remuneração. Para Paulilo, (1987) as duplas jornadas de trabalho desenvolvidas pelas mulheres as tornam sobrecarregadas quanto ao seu tempo, que nem precisam de estatísticas para entender o quanto são importantes para o universo do trabalho.

A mulher acorda e levanta antes do marido. Prepara o café, tira o leite, encaminha o almoço e, às vezes, ainda põe a roupa de molho. Aí o marido levanta, e vão pra roça juntos. Voltam da roça, o marido está cansado, claro. A mulher não, porque ela é feita de aço inoxidável [...]. Eu já assisti - e me escandalizei - a esposa ter até que cortar o fumo e fazer o cigarro para o homem fumar... (professora primária e esposa de pequeno produtor, sul de Santa Catarina). (PAULILO, 1987:64).

Bruschini (2006), explicita seus pressupostos de que o IBGE, não reconhece o trabalho doméstico como de fato deveria, sendo este tido como uma “inatividade econômica”, deixando mais ainda em evidência que o trabalho doméstico, é uma atividade praticamente de exclusividade da mulher, o que só enfatiza a grande desigualdade de gênero dentro desse contexto.

Do ponto de vista de Herrera (2012), mesmo as mulheres realizando atividades voltadas para a agricultura, conhecidas como atividades “masculinas”, onde ela faz parte desse contexto, ainda é vista meramente como uma “ajudante”, consequentemente passa a receber uma remuneração muito baixa, ou mesmo nenhuma, pelo trabalho desenvolvido. Como foi observado desde década de 70 no Brejo paraibano, conforme Paulilo (1978, p.2).

Brejo da Paraíba, 1978, municípios de Alagoa Nova, Areia, Pilões, Serraria e Arara. Aqui a distinção entre trabalho “leve” e “pesado” se faz mais clara. Entre os trabalhadores volantes, é “pesado”, masculino, principalmente roçar e cavar a terra. Roçar significa derrubar o mato grosso, inclusive árvores, a machado e foice. Cavar é preparar a terra, sem ajuda do arado, para o plantio da cana. Trabalho “leve”, feminino, é plantar, arrancar o mato miúdo, e adubar. Para isso, as mulheres ganham a metade, ou menos, da diária de um homem, embora trabalhem o mesmo número de horas. Nas fazendas onde há olarias rústicas, as mulheres carregam tijolos em carrinhos-de-mão, serviço também considerado “leve” e pago como tal. Nenhum homem é contratado para fazer trabalho considerado feminino, embora algumas atividades possam ser realizadas por ambos os sexos. Pagando por produção, os proprietários evitam remunerar o tempo que as mulheres gastam com os filhos e o maior esforço que despendem para limpar uma mesma área de cana. Já nas atividades em que a força física não traz maior rendimento, como o plantio e a adubagem, evitam presença masculina para melhor caracterizá-las como trabalho “leve”. Apesar da sutileza empregada na exploração da mão-de-obra feminina, há mulheres que, realizando as mesmas tarefas que os homens, ganham menos.

De acordo com a FAO¹ (2011), a representatividade das mulheres quanto à força de trabalho agrícola nos países em desenvolvimento é de 45% chegando essa porcentagem a 60% em algumas regiões da África e Ásia. Sobre mulheres do meio rural, a FAO (2017) lançou uma campanha em prol do empoderamento das mulheres rurais. A campanha conta com parceiros como a Reunião Especializada da Agricultura Familiar do Mercosul-REAF, a Secretaria Especial da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário do Brasil-SEAD e a Unidad para el Cambio Rural da Argentina.

Do ponto de vista de Bojanic (2011), a mudança nas condições de trabalho das mulheres rurais não tem uma manifestação apenas nos mercados profissionais, como também no meio social das próprias famílias rurais, onde a mulher com uma renda maior tenha o poder de participar das negociações assim como o poder de tomar decisões. Atingindo também outros fatores indicadores de bem-estar familiar, pois as

¹ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) lidera os esforços internacionais de erradicação da fome e da insegurança alimentar. Criada em 16 de outubro de 1945, a FAO atua como um fórum neutro, onde todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, se reúnem em pé de igualdade para negociar acordos, debater políticas e impulsionar iniciativas estratégicas.

mulheres controlando a maior parte do orçamento familiar aumentam significativamente os gastos com saúde, educação e alimentação.

No que se refere à alimentação das famílias rurais entra uma importante fonte que é a criação de galinhas caipiras, de acordo com Barros (2009), tem como característica principal o uso da mão de obra familiar, sendo a mulher e os filhos os que mais desenvolvem esta atividade, pois é considerada de fácil manejo, podendo ser criadas em pequenas áreas, e com boas características de converterem produtos de origem vegetais em carne e ovos.

Conforme Savino (2007) as aves caipiras apresentam coloração, textura, e um sabor singularizado, fator esse que tem acrescido valor ao produto, tornando-o cada vez mais procurado por consumidores. Na visão de Savino (2007), a maneira livre como são criadas essas aves e os locais agrícolas, possibilitam as famílias reduzirem os custos com manejo alimentar, devido aproveitar-se a vegetação local e restos de culturas.

Segundo Mendonça *et al* (2007), a aceitação da avicultura alternativa vem ganhando espaço no nordeste brasileiro, uma vez que são aves diferentes das aves industriais de corte e postura. Todavia, Souza (2014) alega que na região nordeste a avicultura caipira em muitos casos ainda é embrionário: as aves ainda dormem em árvores ou em poleiros feitos pelo homem, vive em sistema praticamente extensivo, a alimentação é oferecida poucas vezes e de qualidade inferior, e quanto às doenças não há ação preventiva contra as mesmas.

Em busca de oferecer uma contribuição à correção de manejo na direção da construção de um sistema semi-intensivo, no qual as aves podem caminhar em áreas livres de pastejo, com certo grau de liberdade e certos controles e cuidados (OLIVEIRA, 2005).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa de campo foi realizada na comunidade de Tabuleiro de Muquém, localizada no Município de Areia-PB. A comunidade vem sendo assistida desde 2012 com o Programa de Extensão “Direitos Memórias e Alfabetização Digital: Inclusão de Mulheres de Areia – PB” (PROEXT/MEC). Em 2013, 2015, e 2016 vieram a ser assistidas pelo Programa de Extensão “Quem Disse que as Mulheres Não Podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde (PROEXT/MEC).

A partir dos contatos com estes Programas coordenados pela Professora Anita Leocádia Pereira dos Santos, formou-se o vínculo do grupo de mulheres voluntárias com o Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, oportunizando o contato com esta Comunidade e a realização deste trabalho ocorreu entre outubro de 2016 a junho de 2017.

A pesquisa de campo, segundo Gonçalves (2001), é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Os procedimentos metodológicos abordados para o encaminhamento deste Trabalho de Conclusão de Curso compõem uma pesquisa qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2006), é um estudo que tem como base uma variedade de materiais empíricos, onde envolvem o estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, entrevista, artefatos, textos e produções culturais, texto observacional, histórico e interativo visual.

Em aproximação às atividades do Programa de Extensão, junto ao grupo de mulheres voluntárias numa primeira entrevista de grupo, foram obtidas as informações de que todas as mulheres são agricultoras rurais e que tinham como atividade agropecuária predominante a criação de galinhas caipiras.

Tomando como base esse contexto, seguiu-se o desenvolvimento desta pesquisa, com vistas à identificação de possíveis problemas na criação de galinhas e as formas de solucioná-los a partir de orientações técnicas, procurando garantir que essas mulheres tivessem uma atividade rentável e de melhor qualidade, com características da pesquisa-ação.

Segundo NUNES (1996), A pesquisa-ação busca desenvolver técnicas e conhecimentos necessários ao fortalecimento das atividades desenvolvidas. Utilizando

dados/achados da própria organização e valorizando o saber e a prática diária dos profissionais envolvidos, aliados aos conhecimentos teóricos e experiências adquiridas pelos pesquisadores, essa metodologia constituirá um novo saber que aponta propostas de solução dos problemas diagnosticados.

Para tornar o trabalho viável foi utilizada como técnica metodológica a entrevista, que de acordo com Rosa e Arnoldi (2008), é uma inter-relação entre perguntas e respostas simultâneas que se resumem na objetividade de uma conexão recíproca, tornando visível as problemáticas da subjetividade.

Após a identificação do público de voluntárias, a ser pesquisado, com o conhecimento da espécie animal mais cultivada pelas mesmas através de entrevista coletiva (APENDICE 1), foram realizadas entrevistas individuais *in loco* (APENDICE 2), para caracterização das criadoras e identificação dos principais problemas encontrados no exercício da criação das galinhas caipiras.

Assim, foi caracterizado o grupo de mulheres voluntárias, quais os tipos de residências, quais suas idades e quais se colocariam a disposição de participar desse trabalho voltado ao projeto de conclusão de curso em Zootecnia, formando um conjunto de dez mulheres colaboradoras da pesquisa.

Após o levantamento das dificuldades e problemas enfrentados na criação das galinhas caipiras, foi realizada uma intervenção técnica educativa de acordo com a realidade encontrada na comunidade, considerando os aspectos socioculturais e econômicos das mulheres criadoras.

Além da criação de galinhas caipiras foi observado que as mulheres também utilizam a pluriatividade como fontes de renda extra, como agricultura e artesanato. Para Pires (2014), a pluriatividade é formada por uma diversidade de atividades rentáveis aos negócios em que componentes da família de agricultores que moram no meio rural optam pelas diferentes tipos de trabalhos.

Segundo Scott (2010), a pluriatividade doméstica vem ganhando sua real importância nos contextos rurais, pois dar possibilidade a outros meio que se somam a atividade agrícola, permitindo um maior destaque quanto à valorização e autonomia do trabalho realizado, podendo ser exercida fora da propriedade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização das criadoras e da criação

A partir dos dados coletados na primeira entrevista (APENDICE 1), *in loco*, em contatos individuais nas residências das mulheres criadoras, foi possível obter dados que delineiam o perfil delas e as características presentes nos contextos das criações. Assim, as colaboradoras da pesquisa são dez trabalhadoras rurais agricultoras, com idades entre 31 e 64 anos, que estudaram pouco. Apenas uma delas concluiu o Ensino Médio e as demais possuem o Ensino Fundamental incompleto. Todas são casadas, sete delas afirmam ser o esposo quem mantém a casa, e três relatam ser a responsável pelo sustento da família; são mães de um até sete filhos.

Dentre as atribuições delas, além de mulheres donas de casa, responsáveis pelo cuidado com os filhos e trabalho doméstico, elas têm uma jornada de trabalho superior a dos homens da comunidade, pois são criadoras de animais e artesãs. Demonstram ser ativas quanto à procura por reconhecimento dos seus direitos, o que as torna vitoriosas em comparação em relação à superação de dificuldades, porém, ainda há muito de conservador nos fatos que as envolvem no cotidiano. Se sentem conformadas responsáveis pela lida doméstica e demonstram cumprir as tarefas da criação de animais sem o controle da produtividade em termos econômicos, mas com a finalidade de alimentar a família.

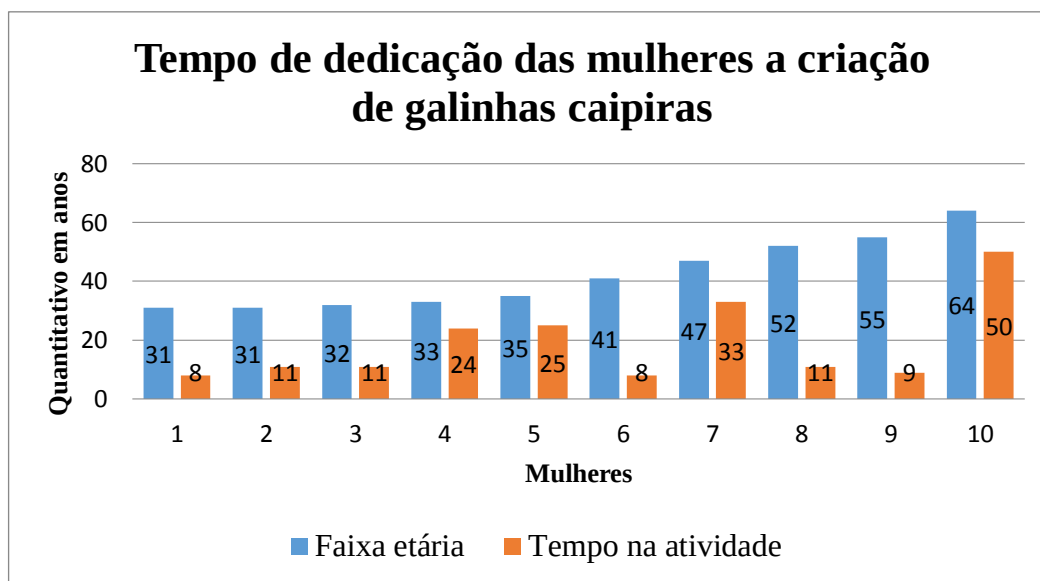
Do pontos de vista de HERRERA (2013) uma análise do trabalho da mulher no meio rural através de perspectivas que evidenciam a visão produtivista da agricultura familiar impossibilita a visibilidade de seu trabalho.

Segundo SIQUEIRA (2014), As mulheres agricultoras familiares do semiárido do nordeste, em geral, vivem, cotidianamente, o peso da cultura machista, sexista e patriarcal.

As dez mulheres vem se dedicando há muito tempo a essa atividade, como um hábito dos agricultores familiares que vivem em comunidades rurais, em sítios, e sempre procuram usar as terras de forma produtiva, tendo em vista que a produção dessas aves é principalmente para o consumo próprio. De acordo com relatos, algumas delas, desde crianças, já viam e colaboravam com seus pais desenvolvendo a atividade com galinhas caipiras, em contextos de agricultura familiar. Uma delas está na atividade há cinquenta anos e a que iniciou mais cedo na tarefa de

criação de galinhas caipiras, o fez com dez anos de idade. Pode-se ver no gráfico 1 dados importantes sobre as criadoras e a criação das aves:

Gráfico 1. Dedicção das mulheres à atividade de criação de galinhas caipiras.



A atividade de criação de galinhas para o consumo, sempre foi algo rentável, mesmo com a demora que tem essas aves de chegar ao peso ideal para o consumo. Por outro lado, muitas vezes as únicas fontes de renda são a criação de animais e as plantações e ambas as culturas ficam a depender do período das chuvas, e pode se tornar difícil manter esses animais ou mesmo aumentar suas produções na escassez de água.

Conforme RODRIGUES (2014), é fato que a agricultura é fortemente dependente de água. Mas também é fato que ela não pode ser responsabilizada pela crise hídrica. Quando se refere ao uso da água, é fundamental diferenciar a agricultura de sequeiro da agricultura irrigada, ou seja, a agricultura de sequeiro depende apenas da água da chuva.

A criação de galinhas caipiras por essas mulheres não difere de outros milhares de pessoas que, como elas, criam as aves de forma extensiva, um método que não requer grandes preocupações, uma vez que essas aves até hoje são predominantemente criadas soltas, sem maiores controles com os quesitos produtividade e lucratividade, nem mesmo de manejo sanitário. De acordo com Souza (2011), no sistema extensivo com as aves soltas na propriedade são necessários até 180 dias para o abate.

Foi observado que, nesta criação não há preocupações com possíveis casos de consanguinidade entre as aves, pois, sendo suas linhagens de origens desconhecidas, as aves apresentam características bem diferenciadas umas das outras, como coloração das penas,

tamanhos; aves que não entram em processo de postura e outras começam a produzir muito cedo; aves com reduzido número de ovos e outras que passam determinado tempo sem chocar. Entretanto, na criação em sistema praticamente extensivo, há vários processos inseridos, desde juntar os ovos para posteriormente incubá-los por 21 dias nas próprias galinhas; cuidados com os filhotes/pintos; oferta de milho e outros alimentos; e para se alimentarem das aves, elas prendem-nas em lugar isolado para “limpar”, como costumam chamar as mulheres de Tabuleiro de Muqueim, por alguns dias, para em seguida fazerem o abate e o preparo na cozinha. Quando cozida, colocam no prato e levam até a mesa para marido e filhos almoçarem, sendo todo o processo considerado tarefa das mulheres.

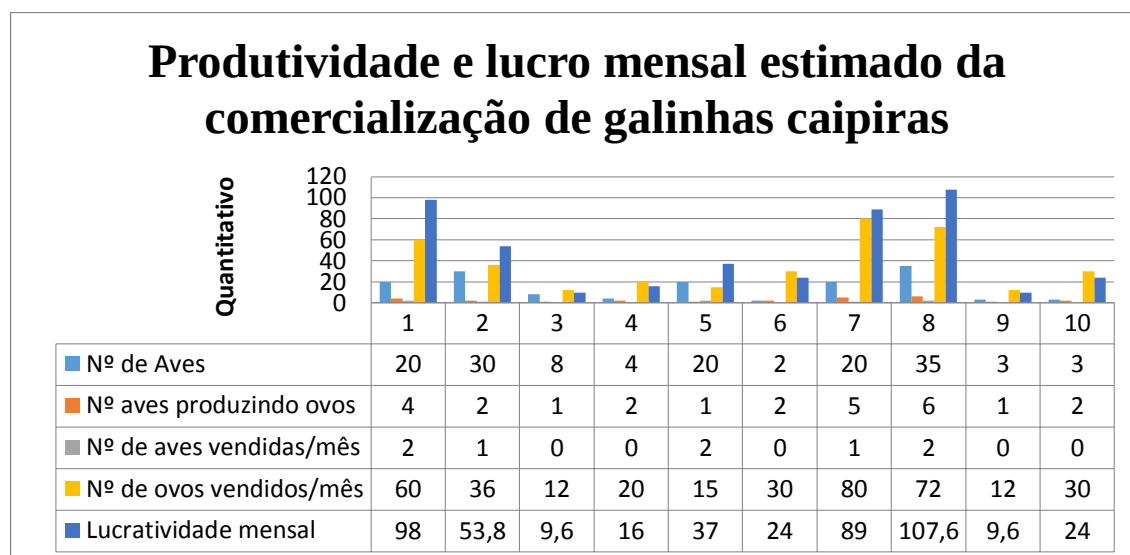
Além do consumo, a renda obtida na criação de galinhas caipiras é proveniente de venda dos ovos e também das galinhas e frangos vendidos, tanto abatidos como vivos. Majoritariamente encomendada, a venda das galinhas é geralmente feita para um Restaurante local, o Restaurante Vó Maria, localizado na comunidade vizinha, que tem como objetivo servir pratos tipicamente caseiros e onde a galinha caipira tem espaço garantido, ajudando assim essas mulheres a terem uma renda a mais dentro de casa.

A comercialização das galinhas e frangos é praticada com valores significativos, de acordo com as criadoras e colocam em destaque a produção de ovos apresentando uma grande procura. São ovos comercializados ao preço de R\$0,80 (oitenta centavos de real) a unidade e as galinhas são comercializadas por R\$25,00 (vinte e cinco reais) a ave viva. O comércio é contínuo mesmo com um número reduzido de galinhas em postura, pois as mesmas ainda apresentam prolongamento dos comportamentos naturais ao choco.

Como não há registros sistemáticos das vendas e gastos com a criação de galinhas, e apesar de que a comercialização das galinhas e/ou frangos não serem algo fixo para todos os meses, através de um resgate de memória pode-se constatar como esse processo produtivo contribui financeiramente em seus modos de vida, haja vista que essas mulheres afirmam participar ativamente da renda familiar, com a venda dos produtos.

Pode-se ver que apenas três das dez mulheres apresentam o maior efetivo de galinhas em seus quintais e conseqüentemente essas mesmas apresentam maior lucro ao final do mês. No gráfico 2, a seguir, é possível dimensionar a lucratividade que criação das aves trazem para essas famílias, que poderia ser bem maior sendo uma atividade mais bem cultivada.

Gráfico 2. Produtividade e lucro mensal estimado da criação de galinha caipira.

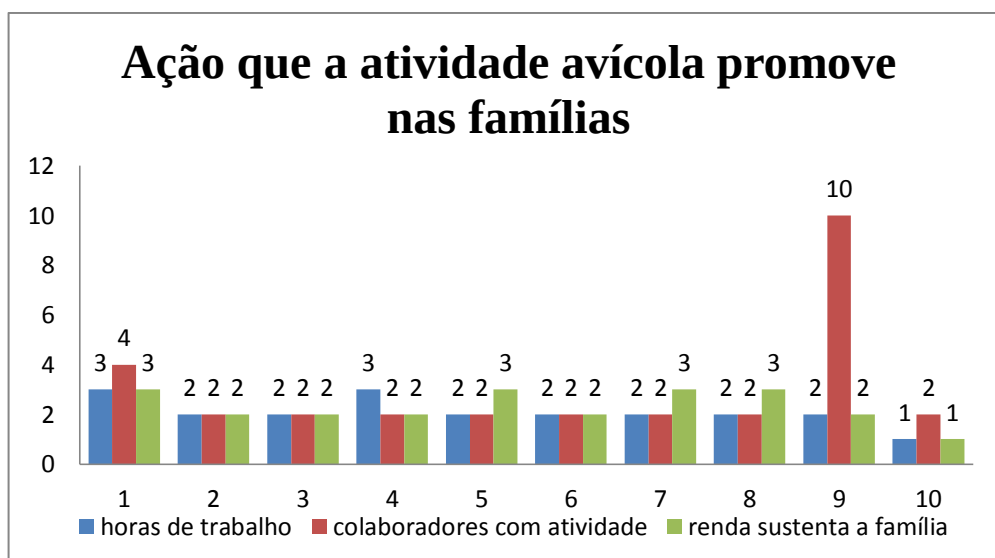


Sobre o sustento da família, questionado se a renda obtida da atividade avícola contribui com despesas da família, foi apresentada uma escala de um a três, onde um é igual a não ajuda, dois significa ajuda em parte e, três indica que ajuda muito. As mulheres que produzem mais animais, com maior produção de ovos como também maior venda das galinhas, responderam que a criação ajuda muito na renda familiar; as mulheres que responderam que ajuda em parte, também vivem da pluriatividade, e as que falaram que a criação de galinhas não ajudava a sustentar a família desenvolvem trabalhos com outra espécie de animal, por exemplo a criação de suínos.

Quanto as atividades desenvolvidas pelas mulheres, é comum elas somarem ao trabalho agrícola outros trabalhos como desempenhando funções em cargos públicos, de modo que o uso da pluriatividade é muito comum para as mulheres residentes em zonas rurais.

A criação de aves não é uma atividade de fácil manejo, mesmo sendo animais de pequeno porte, quando realizada com os devidos controles de produtividade. As criadoras afirmam que há tempo suficiente para realizar as atividades domésticas ou até ter outro emprego, além da criação, pois a maioria delas é ajudada sobre o manejo das aves, pois esse manejo é considerado simples por elas. O gráfico 3, abaixo, mostra o número de horas por dia que as mulheres e suas famílias se dedicam ao manejo das aves, tomando em média de 1:30h a 2:00hs do tempo diário.

Gráfico 3. Ação que a atividade avícola promove nas famílias.



4.2. Os problemas na criação e as orientações técnicas

Por meio das observações realizadas nas visitas feitas à Comunidade de Tabuleiro de Muqueim, foi perceptível a falta de informação e foi verificado que a criação das galinhas caipiras ainda acontece por metodologias praticamente imutáveis por décadas, baseada em algo que aprenderam desde crianças, inseridas em um contexto sociocultural marcado pela agricultura familiar passado de geração a geração. As criadoras confirmaram não contar com assistência técnica para o processo de criação das aves.

Do ponto de vista de Siqueira (2006), a falta de capacitação técnica é a maior causa de insucesso na criação da avicultura que por ser uma atividade tradicional os produtores se baseiam no conhecimento empírico e passam a tratar a atividade de forma desordenada, sem critérios sanitários, sem vacinas, sem condições de conforto.

A primeira intervenção educativa sobre a criação galinhas caipiras foi realizada em outubro junto às mulheres colaboradoras da Comunidade de Tabuleiro de Muqueim, por meio de uma exposição dialogada com apresentação com slides sobre histórico de chegada ao Brasil, processo de domesticação, características, sanidade das galinhas caipiras, equipamentos, instalações e linhas de produção. No cuidado de mantê-las ativas no processo de pesquisa, foi questionado se elas tinham curiosidade em saber mais sobre a espécie que criavam, ao que responderam positivamente.

Nesta ocasião, indagado ao grupo quais as dificuldades que se apresentavam no processo de criação das aves, foram apontados muitos problemas, inclusive informados que acontecem há

anos, considerados muito comuns na localidade. Dentre os problemas apontados, tiveram maior predominância estes:

- I. “Doença de gôgo”;
- II. Dificuldade de retornar a postura de ovos;
- III. Perdas das aves por predadores;
- IV. Demora no ganho de peso dos animais.

A atuação da assistência técnica pode minimizar as dificuldades apresentadas pelas criadoras no processo de criação das aves e o profissional da Zootecnia seguramente encontra-se habilitado e capacitado para colaborar com a reversão dos prejuízos na direção de melhorar a produtividade. Portanto, para cada problema apontado foi identificada uma questão técnica a ser orientada e assim ficou estabelecida a relação entre problema e orientação:

- I. Manejo sanitário adequado/ água e bebedouros das galinhas;
- II. Apartação entre pintos e galinhas;
- III. Efetivo uso do galinheiro/aviário doméstico/instalações;
- IV. Manejo alimentar.

A segunda intervenção educativa, registradas em fotos um e dois, junto ao grupo de mulheres criadoras colaboradoras aconteceu na semana seguinte, ainda no mês de outubro de 2016, apresentando orientações técnicas para a solução dos problemas apontados, um a um discutidos, com sugestões acessíveis às criadoras, tendo em vista o interesse dessas mulheres em aumentar suas produções e disposição para se adequar as mudanças no sistema de criação, de acordo com a realidade delas.



Figura 1. Apresentação das tecnologias adotadas na zootecnia



Figura 2. As mulheres tirando suas dúvidas sobre a criação de galinhas.

4.2.1. Manejo sanitário adequado/ água e bebedouros das galinhas

As mulheres apresentaram queixas de que as aves apresentavam frequentemente “gôgo”, nome popular da coriza infecciosa. Essa doença é causada por uma bactéria, que tem nas galinhas sua hospedeira primária, e pode ser transmitida pela água, vento, também no contato direto das galinhas mais velhas para as mais novas.

Com relação a procedência de água que vem para a comunidade, foi observado três variações quanto a sua origem, sendo de barragem, de açude, e de poço. Foi visto que não havia cuidados sobre a água disponibilizada para as aves.

Portanto, esta doença das aves está diretamente relacionada ao manejo sanitário deve ser feito a risca e consumo da água de beber. De acordo com Krabbe (2013), a água é um relevante nutriente que para as funções fisiológicas do organismo animal, porém muitas vezes não se dá a devida importância para a qualidade e quantidade de água que deve ser oferecida aos animais.

A água de beber deve ser limpa, livre de contaminantes e outros fatores que poderão interferir no sabor e odor. Deve ser clorada para evitar a proliferação de microrganismos indesejáveis, numa porcentagem de 0,5% de hipoclorito de sódio; a água ideal para as aves deve ser a mesma que nós tomamos. Se por algum motivo a água for rejeitada por nós, também não deverá ser oferecida para as aves.

Além destas orientações técnicas, foi orientado que em caso de aves doentes, estas devem ser colocadas a uma distância maior que 500 metros e em sentido contrário aos ventos dominantes, e que é necessário de procurar as orientações de um veterinário (OLIVEIRA, 2005).

Como foi registrado em visitas às residências por fotos (figuras três e quatro), os bebedouros das criações se encontravam em contato com o solo e sem nenhuma proteção, permitindo o acesso de outros animais; a água visivelmente suja, com dejetos e sólidos em suspensão. Essa é uma prática muito comum nas criações de sítios, que deve ser mudada, para evitar as possíveis contaminações.



Figura 3. Bebedouros em contato com o solo



Figura 4. Bebedouro com água poluída

Para solucionar esse problema, foi sugerido suspender os bebedouros colocando a uma altura com que as aves possam alcançar, mas em um local onde outros animais não tenham acesso, além de ter o cuidado de oferecer e manter a água limpa, pois além de promover a prevenção da doença da coriza infecciosa é fator importantíssimo para a nutrição dos animais. Do ponto de vista de Vohra (1980), uma ave pode sobreviver até 30 dias sem alimento, suporta a perda de 98% da gordura e 50% da proteína do corpo, todavia morreria se perdesse 20% da água presente em seu organismo.

Em visita técnica realizada em maio de 2017, resultados positivos de mudança foram encontrados em sete das dez famílias que participaram das intervenções educativas com orientações técnicas, conforme registrado em fotos, expostas nas figuras cinco e seis a seguir. Os cochos não mais se encontram em contato direto com o chão e possuem água limpa.



Figura 5. Bebedouro com água limpa e afastada do chão



Figura 6. Bebedouro dependurado

Importante ressaltar que as próprias mulheres realizaram essas mudanças, após orientadas tecnicamente por intervenções educativas, convencidas sobre a importância de

evitar adoecimento, perdas e de produzir aves de qualidade, tanto para o consumo da família como para a venda ao restaurante e compradores.

4.2.2. Técnica de Apartação de filhotes/galinhas

De acordo com as criadoras, no processo de choco natural por elas adotado, as galinhas permanecem encubando os ovos numa duração de 21 dias, quando os pintinhos começam a nascer e, depois as galinhas permanecem com eles até apartar de forma natural, muitos levam meses e essas galinhas em vez de estarem prontas para postura novamente, continuam em estado de choco, reduzindo a produção de ovos.

De acordo com Albino (2010), o choco é uma condição fisiológica das aves, caracterizada por uma alteração na rotina diária de alimentação, de comportamento das galinhas que tentam bicar e amedrontar, arrepiam-se as penas e nesta condição ocorre uma falência do ovário e oviduto, pois ambos regridem interrompendo a postura dos ovos. Conforme Neto (2011), os pintos devem ficar por 25 dias protegidos em uma instalação com ração e água.

Nos dias atuais graças à ação dos profissionais de zootecnia que atribuíram o uso do melhoramento genético, já existem aves de posturas que não entram em choco. As recomendações para esse processo foram para deixar a galinha encubar os ovos, até que os pintos nasçam e logo após que as galinhas sejam separadas dos filhotes, colocadas em um ambiente adequado para largar o choco. Aos pintos, que fossem colocados em local aquecido por uma lâmpada, livres de exposição de vento, chuva e sol, sendo ofertado farelo de milho (xerém), e água a vontade, até que no lugar das penugens criem penas. Estas providências proporcionarão às aves condições de saírem do choco mais cedo e voltar a produzir ovos.

Foi constatado na visita técnica, em maio de 2017, que entre as dez mulheres orientadas, sete conseguiram promover a mudança, registrada em fotos (imagens sete e oito), e de acordo com relatos das criadoras, após as alterações está sendo bem melhor manter os pintinhos presos uma vez que as galinhas estão largando o choco mais rápido e consequentemente voltando a postura, aumentando assim a produção de ovos. Ao mesmo tempo, também aumentou a sobrevivência dos pintos por encontrarem facilidade no seu manejo alimentar e também por ficarem protegidos de predadores externos e das intempéries climáticas.



Figura 7 e 8 . Pintos sendo criados separados da galinha.

Assim, ficou evidente que a mudança sobre a apartação dos filhotes foi realizada pela maioria das criadoras rompendo com a cultura de antes quando as galinhas passavam meses com os pintos e trouxe benefícios para essas famílias, com efeitos grandiosos para as criações de galinhas caipiras.

4.2.3. Efetivo uso do galinheiro/aviário doméstico/instalações

Nas primeiras visitas técnicas, constatou-se que em algumas residências havia o galinheiro, entretanto não era utilizado para a guarda das aves que permaneciam soltas em todo o espaço de entorno da casa e quintal em convivência com outros animais e expostas ao ataque de animais predadores durante o dia e a noite. Depreende-se, pois, que as perdas de animais por predadores acusadas como um dos problemas enfrentados pelas criadoras seria decorrente da não utilização de uma instalação para a proteção das aves adultas e principalmente dos filhotes. Souza (2011), esclarece que na criação semi-intensiva as aves são criadas soltas durante o dia e recolhidas durante a noite, para evitar o ataque de predadores.

Assim, houve a necessidade de explicar que as instalações para a criação das aves é um ponto muito importante, justamente porque as aves que ficam soltas e expostas a predadores além de serem facilmente caçadas, podem adquirir infecções presentes no ambiente, podem consumir alimentos inadequados e comprometer a produção de uma carne com a qualidade desejada. Foi sugerido às criadoras que as instalações fossem limpas, como já estavam em um processo de vazio sanitário e utilizadas para alojar as aves.

Foi recomendado ainda que a instalação esteja localizada próxima de árvores, que proporcione sombreamento o ano inteiro (OLIVEIRA, 2005). Quando da visitas técnica anterior às orientações, foi possível registrar por fotos que na maioria dos quintais instalações estavam

desativadas e, posteriormente às orientações verificou-se a efetiva utilização dos galinheiros, como mostra a figura nove e dez a seguir:



Figura 9. Instalação desativada



Figura 10. Instalação em uso

4.2.4. Manejo alimentar

Foi apontado pelas criadoras a ocorrência de um grande espaço de tempo para o ganho de peso das aves, fato que ocasiona prejuízos sobre a venda das mesmas. Sabe-se que a energia da ração é aquela utilizada para o crescimento, produção de ovos, movimentos musculares, manutenção da temperatura corporal, respiração e processos bioquímicos (MERENCIO, 2009).

Portanto, a alimentação é primordial na criação de animais para produção, todavia o fator alimentação é de grande importância quanto ao custo de produção podendo ser mais sensível conforme varia a eficiência das rações utilizadas (MERENCIO, 2009). As criadoras colaboradoras alimentam as galinhas caipiras com milho em grão o que não está incorreto, sendo a forma como é realizado o arraçoamento, jogando diretamente no solo, e de forma desigual onde umas aves comem mais que outras. As galinhas demandam de um tempo maior para fazer a absorção dos ingredientes presente no milho inteiro.

Como uma alternativa de reduzir esse tempo e favorecer que a ave venha a garantir um ganho de peso em um tempo menor, foi indicado o uso de farelo de milho, para as aves que forem separadas para o abate, procurando dessa forma, fazer com que essas aves consigam absorver com maior eficiência os nutrientes do farelo, do que de milho em grãos.

Sendo a alimentação um aspecto significativo nos gastos com a criação, pois a alimentação pode representar 70% dos custos da produção das aves, faz-se necessária a busca por fontes alternativas de alimentos (OLIVEIRA *et al.*, 2007), bem como cuidados na sua

oferta. Também foi sugerido que a ração fosse colocada em cochos separados de outros animais.

Satisfatoriamente, foi observado que houve mudanças em resposta às orientações técnicas realizadas, como pôde ser registrado por fotos em visita técnica anterior (figura onze) e posterior (figura doze), em maio de 2017:



Figura 11. Galinhas comendo milho em grão lançados no chão.



Figura 12. Farelo de milho para as aves destinadas ao abate.

O manejo alimentar realizado de forma que garanta ganho de peso e uma melhor qualidade dos animais que estão sendo criados, ainda pode tornar a criação de aves o mais viável possível, uma vez que as técnicas sugeridas contaram com uma adesão positiva por parte das mulheres criadoras de galinhas caipiras.

4.2.5. Avaliando resultados

Para fazer um balanço acerca do trabalho realizado, foi utilizada uma entrevista de grupo (APENDICE 3), coordenada pela professora Orientadora desta pesquisa-ação, em junho de 2017 junto ao grupo de criadoras colaboradoras, compreendidas como participantes ativas no processo de pesquisa.

Questionadas sobre as intervenções educativas com orientações técnicas prestadas ao grupo, as mulheres relataram pontos positivos e de grande importância ficarem informadas sobre assuntos simples e que ao mesmo tempo foram tão importantes para suas criações, como o conhecimento sobre importância da qualidade da água, a alimentação das aves, os cuidados com apartação dos pintos das galinhas e manejo alimentar. Relataram que não foi positivo a falta de assistência para todas as mulheres, devido às próprias não terem tido a disponibilidade de vir aos encontros, pois na comunidade nem todas as mulheres participaram.

Sobre as mudanças na criação de galinhas caipiras, as mulheres confirmaram que houve mudanças sim, e por unanimidade, disseram que existe a necessidade de continuar com as mesmas, pois, através das intervenções, palestras, visitas e entrevistas, elas ficaram informadas sobre o porquê dos problemas corriqueiros em suas criações, e sobretudo que muitos delas podem ser sanados com uma simples instrução.

Elas destacaram sua surpresa sobre o caso da doença de “gôgo” das galinhas, estar relacionada ao consumo água e não ser um fato inevitável em certo período, como pensavam ser. Também ficaram admiradas com a apartação dos pintos das galinhas implicar no fato de que as aves voltem à postura em um menor tempo.

As criadoras colaboradoras indicaram a existência da necessidade de que outras orientações técnicas para criação de galinhas caipiras sejam disponibilizadas, que precisam de apoio e que as informações prestadas a elas foram e estão sendo de fundamental importância para aprimorar a criação. Concordaram sobre a importância de orientação para o controle de gastos e lucros na criação.

Todas as mulheres afirmaram ainda que as sextas-feiras no período da tarde, horário de encontro no âmbito da execução do Programa de Extensão, estavam sendo muito prazerosas, pois, além de saírem de casa e terem contato com novos conhecimentos e experiências, saíam da rotina também.

Outro aspecto destacado por elas foi a necessidade que tem das outras mulheres da comunidade participar das ações do Programa, pois atribuem ao fato de não terem participado e não terem recebido as informações no grupo, portanto com as mesmas proporções que elas tiveram, a consequência de não realizarem mudanças face as orientações sugeridas de grande relevância.

5. CONCLUSÕES

Foi evidenciado que a ausência de assistência técnica deixava as mulheres criadoras a mercê de algumas situações controláveis que estavam sendo vistas como fatídicas, todos os dias, em seus quintais e, que algumas mudanças começaram a aparecer com as orientações, tomando o lugar do que antes era feito de forma primitiva.

A despeito do fato de que essas mudanças não foram fáceis de serem colocadas em prática pelas criadoras, por ser o novo conhecimento e fora dos seus conhecimentos tradicionais, gerando dúvidas, houve resultados positivos efetivos em sete das dez famílias que participaram. Assim, a maioria das mulheres criadoras ousaram fazer inovações em suas criações, como modificar bebedouros, fornecer água de qualidade e farelo de milho as aves destinadas ao abate, apartar filhotes das galinhas para beneficiar a postura de ovos, como também organizar e utilizar instalações onde as aves possam viver protegidas, livres de predadores e sem contato direto com outras espécies.

Desta forma, foi exitosa a intervenção educativa com orientações técnicas em grupo e individualmente, colocando-se aos problemas soluções práticas e funcionais. Apenas as três mulheres que não participaram das palestras e encontros do Programa de Extensão como também sobre a avicultura, não desenvolveram as mudanças sugeridas, apesar de que foram visitadas em suas casas e orientadas sobre os mesmos métodos de solução em relações aos problemas apresentados pelas criadoras.

Fica claro que o vínculo construído a partir das atividades do Programa de Extensão nas participações em grupo que contemplam essas mulheres pode ser um fator de confiança e credibilidade para novas aprendizagens, sendo assim favorável ao processo de construção do empoderamento feminino no contexto rural, promovendo mudanças em suas vidas. Tal empoderamento, em curso, necessita de apoio efetivo para a aquisição do conhecimento sistematizado.

É relevante que a universidade se torne mais presente nas comunidades aproximando-se do seu papel de disseminar conhecimento científico para contribuir de forma direta com a melhoria da vida das pessoas, com baixos custos, valorizando a produção e a realidade de vida dos agricultores e agricultoras familiares.

Os resultados finais desse trabalho indicam que a extensão universitária e a interdisciplinaridade trazem possibilidades de fazer mudanças nas comunidades, e ainda sugere

que se possa refletir sobre que não basta à academia fazer trabalhos renomados, com embasamento científico de última geração, usando os mais variados métodos estatísticos, comprovando inúmeras situações e problemas, se esses trabalhos não ultrapassarem as linhas de apresentação em eventos como congressos, simpósios e outros, e não conseguirem chegar a quem de fato tem carência dessas informações que é comunidade carente, com destaque ao homem e à mulher do campo.

6. REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Emanuel. M. M.; SALLES, M. L.; MENDES, R. C. **Culpabilização feminina na sociedade**: Relatos de grupo de mulheres no município de Areia-PB. Anais CONEDU, Campina Grande, v. 1, p.1-5, set. 2014.
- DE BARROS, Maria Edna Gomes et al. **A importância da galinha capoeira na agricultura familiar**. *eventos ufrpe*, p. 2. (setembro de 2009).
- BOJANIC, Alan. ANRÍQUES, Gustavo. **Sociedade As mulheres na agricultura**. Acesso em 23 de abril de 2017, disponível em CARTA CAPITAL: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-mulheres-na-agricultura> (08 de Março de 2011).
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRASIL. Governo Federal. Lei nº 11.326, de 24 de Julho de 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em 25 de Julho de 2017.
- BRUMER, Anita. “**Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**”. Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 1, UFSC. p. 205-227, Florianópolis. 2004
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: Inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **R. brás. Est. Pop.** São Paulo v. 23, n. 2 p. 331-353, jul./dez. 2006.
- CARVALHO, Maria Eulina P; ANDRADE, Fernando C. B.; JUNQUEIRA, R.D. **Gênero e Diversidade Sexual: Um Glossário. Projeto “Iguais porque diferentes”**. João Pessoa: Ed. Universidade/ UFPB, 2009. 56p.
- CUNHA, Maria Inês Moura S. A. **Regras especiais de proteção: o trabalho da mulher**. In Direito do trabalho. São Paulo: Saraiva, 2004.
- DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre; Armed, 2009.
- FAO. **O Estado Mundial de la agricultura y la alimentación**. Roma: FAO, parte I (2011).
- FAO. **MULHERES RURAIS, MULHERES COM DIREITOS**. Acesso em 23 de abril de 2017, disponível em Campanha pelo Empoderamento da Mulher Rural: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/522532/> (08 de Março de 2017).

FREITAS, Ana. **A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez**. Acesso em 23 de abril de 2017, disponível em Nexo Jornal: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez> (06 de outubro de 2016).

GUERRA, Eliane L. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Anima educação. Belo Horizonte, (2014)

HERRERA, Karolyna. M. UMA ANÁLISE DO TRABALHO DA MULHER RURAL ATRAVÉS DA PERSPECTIVA. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, 2. (2012).

IBGE. **Estatísticas de Gênero Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010**. Acesso em 22 de 04 de 2017, disponível em Sistema Nacional de Gênero SNIG: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000019360010112014002831157109.pdf> (30 de 10 de 2014).

KRABBE, E; ROMANI, A. **Importância da qualidade e do manejo da água na produção de frangos de corte**. XIV Simpósio Brasil Sul de Avicultura e V Brasil Sul Poultry Fair - Chapecó, SC – Brasil, p.113-121, 2013.

MEDEIROS, Priscila, B. A mulher na esfera reprodutiva: aspectos (in) visibilizados. Revista a barrigada, Campina Grande, (2016).

MENDONÇA, Michele. O; et al. **Níveis de energia metabolizável e relações energia:proteína para aves de corte de crescimento lento criadas em sistema semiconfinado**. Acta. Sci. Anim. Sci., v.29, p.23-30, 2007.

MERENCIO, Fernanda, F. M. Sistema alternativo de criação de galinhas caipiras utilizadon na granja xingú, Altamira – PA, 2009.

NAKANO, Ana Márcia, S. MAMEDE, Marleni. **A mulher e o direito de amamentar: as condições sociais para o exercício da função**. Estudo de enfermagem. Ribeirão Preto – SP. (2000).

NARCISO, Vanda. S; HENRIQUES, Pedro. **O Papel das Mulheres no Desenvolvimento Rural: Uma Leitura para Timor - Leste**. Acesso em 23 de abril de 2017, disponível em CEFAGE-UE: <http://www.cefage.uevora.pt> (abril de 2008).

NUNES, Joaquim M. Pesuisa-ação: uma metodologia de consultoria. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro – RJ, 1996.

OLIVEIRA, José, F. et al. Orientações técnicas sobre a criação de ave caipira, Natal, RN. EMPARN, 2005.

OLIVEIRA J. F. de; HOLANDA J. S. de; SOUZA N. A. de; PAZ F. C. A.; CHAGAS M. C.M. Criação de ave caipira. Natal: EMPARN, 2007.

PAULILO, Maria. I. **O Peso do Trabalho Leve**. *Ciência Hoje*, 1-7(1987).

PICOLI, Karla .P. **Avaliação de sistemas de produção de frangos de corte no pasto**. Florianópolis: UFSC, 2004. 74f. Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em Agroecossistemas, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PIRES, José, SPRICIGO, Gisele. **O conceito da pluriatividade na agricultura familiar**. Unisinos, São Leopoldo – RS, 2014.

RODRIGUES, Lineu, N. **Água na agricultura: com planejamento e gestão não há crise hídrica**, Embrapa cerrados, 2014.

ROSA, Maria. V. F. P. C; ARNOLDI, Marlene. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

SARDENBERG, Cecília. Maria. B. **Liberal vs liberating empowerment: a Latin American feminist perspective**. Pathways Working Paper 7, Pathways of Women's Empowerment, Brighton, UK; IDS – Institute of Development Studies, 2009.

SAVINO, Vicente. J. M. et al. **Avaliação de materiais genéticos visando à produção de frango caipira em diferentes sistemas de alimentação**. Revista Brasileira de Zootecnia, Viçosa, v. 36, n. 3, June 2007 . Disponível em: . Acesso em 23 de Abril de 2017.

SCOOTT, Parry, CORDEIRO, Rosineide, MENEZES, Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilhas de Santa Catarina: editora mulheres, p.185,188. 2010.

SIQUEIRA, Ana, Elizabeth, S. S. **Empoderamento de mulheres agricultoras: possibilidades e limites de um projeto de desenvolvimento rural no semiárido baiano – Salvador**, 2014

SOUZA, Newton. A. **Sistema de Produção. Sistema de Produção de Galinha Caipira**, pp. 1-44. (setembro de 2014).

SOUZA, Carlos. E. A avicultura semi-intensiva é uma boa opção para o produtor. Economia. 2011.

APENDICE 1

Entrevista Individual

Nome

: _____

Idade: _____ Estado Civil: _____

1. Quem mantém a família?

2. Qual a atividade principal desenvolvida?

3. Você tem assistência técnica?

Sim () Não ()

4. Há quanto tempo está nessa atividade?

5. Quanto é o seu efetivo de aves?

6. Quantas aves estão produzindo ovos?

7. Produtividade mensal

Ovos/mês: _____

8. Qual a origem da ração?

9. Qual o custo da ração?

APENDICE 2

Proposta de Entrevista Final

Nome: _____

Idade: _____, Estado Civil _____ Quantos filhos? _____

1. O que mudou na sua atividade de criação de galinhas caipiras, depois das intervenções técnicas educativas?

2. Qual foi a maior dificuldade encontrada ao tentar realizar essas mudanças?

3. Você percebeu alguma mudança na produtividade? Como a produção de ovos.

4. Entre os pontos sugeridos para mudanças como:
 - Levantamento dos bebedouros;
 - Alimentação com milho triturado;
 - Apartação dos pintos das galinhas, quais você não fez e por quê?_____

5. A que você atribui essa resistência em mudar algo que você já vem trabalha há anos da mesma forma?

6. O que você aprendeu que você não sabia sobre galinhas caipiras?

APENDICE 3

Entrevista de Grupo

1. Sobre as orientações técnicas que foram oferecidas neste trabalho para a criação de galinhas caipiras, quais foram os pontos positivos e negativos?
2. De acordo com as visitas e entrevistas realizadas recentemente, houve algumas mudanças nos modos de criação das galinhas. Estas mudanças podem/devem ser continuadas? Por quê?
3. Existem outras necessidades de orientações técnicas para a criação de galinhas caipiras? Quais?